

Território em tempos de Globalização: a visão de Chico Science e Nação Zumbi

Felipe Oliveira Martins

Universidade do Vale do Paraíba
São Jose dos Campos - São Paulo - Brasil
felipe_oliveiramartins@hotmail.com

Maria Aparecida Papali

Universidade do Vale do Paraíba
São Jose dos Campos - São Paulo - Brasil
papali@univap.br

Resumo: Qual território está presente na obra de Chico Science e Nação Zumbi? Qual é a Recife retratada pelos artistas? Este artigo tem por finalidade discutir as concepções de território a partir da ótica de autores como Milton Santos, Henri Lefebvre, Maurice Halbwachs, Rogério Haesbaert e Ciro Flamarion Cardoso, fazendo um paralelo com o território apresentado por Chico Science e Nação Zumbi em seus dois primeiros discos. A discussão em relação à forma como o território é retratado pela banda e suas representações teóricas são a ênfase do artigo. Inter-relações entre os conceitos apresentados pelos autores ajudam na compreensão do tema.

Palavras-chave: Território. Mangubeat. Chico Science. Globalização.

Introdução

As décadas finais do século XX trouxeram um significativo leque de transformações tecnológicas, econômicas, políticas, sociais e culturais que sinteticamente são retratadas como efeitos de uma Globalização. Essas transformações palpáveis na sociedade são discutidas por diversos campos da área acadêmica, passando por Economia, Geografia, História, Antropologia e chegando até ao Planejamento Urbano. Por ser uma discussão sobre um fato muito novo, as teorizações ainda estão em curso e diversos pensadores contemporâneos nos apresentam ideias a serem trabalhadas.

Uma das principais questões debatidas diz respeito ao território. Esse conceito amplo é propriedade de diversos campos do conhecimento, da Biologia à Antropologia, porém o conceito geográfico de território está sofrendo modificações. A conceituação de um termo antigo, como o território, merece sempre uma análise profunda e minuciosa dos principais referenciais em relação ao tema. Sociedades da Antiguidade Oriental já

possuíam suas definições sobre território, no início das civilizações. Recorrer aos teóricos mais consagrados é o primeiro ponto para entender a discussão em relação à conceituação de território. Internacionalmente, um grande intelectual que trabalha o conceito de território é Henri Lefebvre (2000), com seu clássico “A Produção do Espaço”. Nacionalmente, Milton Santos (1985) também é considerado como um grande intelectual da área da Geografia e da conceituação de território.

Uma questão que se tornou tema de discussão entre boa parte dos intelectuais contemporâneos diz respeito a se o homem do final do século XX e início do século XXI é um homem desterritorializado ou multiterritorializado. A base teórica se pautará nas discussões sobre *multiterritórios* e *transculturação* de Rogério Haesbaert (1999), no conceito de *lugar* estabelecido por Ciro Flamarion Cardoso (2004) e nas questões de *memória coletiva* e *espaço* de Maurice Halbwachs (2006).

A discussão central desse artigo será o discurso do Movimento Manguebeat, que se originou no início da década de 1990, na periferia de Recife. Os discos “Da Lama ao Caos” e “Afrociberdelia”, os dois primeiros da banda Chico Science e Nação Zumbi (CSNZ) serão as fontes primárias analisadas para entender como o território aparece para o homem do Manguebeat. Os conceitos dos autores serão colocados em paralelo com as letras da banda e a essência do conceito territorial será retirada das músicas. “Rios, Pontes e Overdrives”, “Cidadão do Mundo”, “A Cidade”, “Um Passeio no Mundo Livre”, “Manguetown”, “A Praieira” e “Maracatu de Tiro Certo”, entre outras, serão as músicas trabalhadas, observando o contato e a interação que os autores possuem com o território, suas marcas, seu conceito de poder sobre o lugar e a exclusão social, que é característica presente em grandes metrópoles, como Recife.

As novas concepções de território e suas implicações no Manguebeat

“Da lama ao caos” é o título do primeiro álbum do grupo Chico Science e Nação Zumbi (CSNZ), grupo formado por jovens recifenses no início da década de 1990. Esses jovens estavam preocupados com a situação de Recife na última década do século passado, quando a cidade era considerada por pesquisadores a quarta pior cidade do mundo para se viver¹. A partir dessa situação, alguns jovens da cidade organizam o Movimento Manguebeat, que possuía duas vertentes. A primeira buscava uma sincronia entre a cultura popular pernambucana (frevo, maracatu e cordel) e as novidades que o

¹ QUATRO, Fred Zero. *Manifesto Manguê 1: Caranguejos com Cérebro*.

mundo pop trazia. A segunda vertente procurava mostrar a Recife dos excluídos sociais, das classes mais pobres que habitavam a região dos mangues. A partir das letras desses novos compositores foram apresentados traços da urbanização desordenada da capital pernambucana, bem como a falta de recursos básicos, as moradias precárias, o acúmulo de lixo e esgoto e outras situações que mostravam a miséria da cidade.

O conceito de território é uma antiga discussão presente no campo das Ciências Sociais e diversos intelectuais de diferentes áreas discorrem sobre sua conceituação. Segundo Henri Lefebvre (2000), ao se exigir uma unidade conceitual, pode-se acentuar a reflexão, confundindo e separando os níveis da prática social dos termos. O autor continua:

O habitar, a habitação, “o habitat”, como se diz, concernem à arquitetura. A cidade, o espaço urbano, dependem de uma especialidade: o urbanismo. Quanto ao espaço mais amplo, o território (regional, nacional, continental, mundial), é da alçada de uma competência diferente, a dos planejadores, dos economistas. Portanto, ora essas “especialidades” entram umas nas outras, interpenetram-se sob o tácio de um ator privilegiado - o político -, ora elas caem umas fora das outras, abandonando todo projeto comum e toda comunidade teórica (LEFEBVRE, 2000, p. 20).

Prosseguindo com a análise de Lefebvre sobre o território, podemos retomar sua leitura em relação às cidades da Grécia Antiga. O autor trabalha a ideia de que essas cidades não eliminam as forças de suas áreas subterrâneas, mas as ultrapassam. O espaço de convívio dos considerados cidadãos é um espaço acordado para o convívio de ambos e se divide em três níveis. O primeiro seria o espaço político, representado pela cidade e seu território. O segundo seria o espaço físico, aquele que é visível aos olhos. E por fim, o espaço urbano, que somente é interno à cidade. Para o autor esses três espaços encontram uma unidade, que não se apresenta de maneira simplista, muito menos homogênea, mas composta por diferenças e hierarquias (LEFEBVRE, 2000, p.180)

Outro autor que trabalha a questão territorial é Milton Santos. O autor brasileiro discute as concepções de espaço e território. Segundo Santos, “O território usado constitui-se como um todo complexo onde se tece uma trama de relações complementares e conflitantes. Daí o vigor do conceito, convidando a pensar processualmente as relações estabelecidas entre o lugar, a formação socioespacial e o mundo” (SANTOS, 1996, p.3). Continuando com a análise, o autor define que “o território, hoje, pode ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede (...) se adaptar ao meio geográfico local, ao mesmo tempo em que recriam estratégias que garantam sua sobrevivência nos lugares” (SANTOS, 2000, p.16). Portanto, Santos

trabalha o conceito de que o território atualmente é formado por lugares contínuos e lugares redes, onde o homem deve trabalhar sua adaptação, criando estratégias para sua sobrevivência, pois o convívio entre os indivíduos pode ser conflitante.

Continuando na linha de que o território estabelece uma relação de conflito entre as pessoas que lutam por sua propriedade, pode-se entender que todo território, em sua análise real ou abstrata, designa uma relação de poder. Lefebvre (2000) trabalha a ideia de que o termo mais correto dessa relação de poder seria apropriação e não propriedade como geralmente é usado. O autor continua mostrando que essa apropriação requer uma compilação temporal, com ritmos diferentes, práticas distintas e símbolos próprios. Quando o espaço recebe uma funcionalidade, tornando-se um território, os agentes conseguem manipulá-lo, fazendo com que se torne unifuncional, entrando na esfera do tempo complexo e diverso e saindo do tempo vivido pelos usuários (LEFEBVRE, 2000, p. 411-412).

As diversas definições de território, seja o real ou o abstrato, podem ser interpretados pelas diversas áreas das Ciências Sociais. O uso do espaço, designando uma concepção de poder e transformando-o em território, pode ser da maneira mais afetiva como um lar ou de uma maneira mais econômica, como no processo de desenvolvimento do sistema capitalista, como nos mostra Rogério Haesbaert (2004, p. 3):

Portanto, todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados”. O território é funcional a começar pelo território como recurso, seja como proteção ou abrigo (“lar” para o nosso repouso), seja como fonte de “recursos naturais” – “matérias-primas” que variam em importância de acordo com o(s) modelo(s) de sociedade(s) vigente(s) (como é o caso do petróleo no atual modelo energético capitalista).

Parafraseando Haesbaert, o território recebe duas grandes definições, ou “dois grandes tipos ideais”, sendo a primeira como o território funcional e a segunda o território simbólico. O autor prossegue dizendo que um território funcional sempre possui seu lado simbólico e o contrário também se aplica, mesmo que na menor escala possível. Realizar um esquema genérico e simplista em relação às duas definições de território acabaria por uma definição errônea. O geógrafo define ainda outras funções que um território recebe sendo a primeira como um local físico, sendo fontes de recursos materiais ou de meios de produção. Já a segunda, a simbolização ou identificação dos grupos por suas referências espaciais, tendo como exemplo as fronteiras. A terceira função sendo a individualização do espaço, através da disciplina e por fim, a quarta função

se dá pelas conexões e redes, com fluxos de pessoas e informações (HAESBAERT, 2004, p. 5-6).

As concepções de lugar também ajudam a entender a conceituação de território. O lugar antropológico une as ideias do espaço simbólico e concreto, pois os indivíduos buscam nesse lugar uma posição, de diversas escalas hierárquicas, de poder e valores. Ciro Flamarion Cardoso (1998, p. 14) é bem claro nesse sentido:

Em Antropologia, o lugar define-se como a construção ao mesmo tempo concreta e simbólica do espaço, servindo de referência para todos aqueles que são destinados por esse lugar a uma posição - não importa se central, intermediária ou periférica - no sistema dos valores, da hierarquia, do poder. O lugar assim definido é uma base de sentido para os que nele vivem; e torna-se fundamento da inteligibilidade para a pessoa de outra cultura interessada em observar e entender aquela comunidade em que o lugar em questão foi construído.

Maurice Halbwachs (2006) nos apresenta uma excelente visão sobre a cidade simbólica, baseado nas chamadas “pedras das cidades”. Segundo o autor, em uma cidade moderna os lugares apresentam uma rica influência nos diversos grupos que habitam essa cidade. Por isso, as “pedras”, ou seja, as construções antigas, edificadas, como os quarteirões do passado, em que a população se move diariamente para o trabalho, escola ou lazer, formam pequenos mundos fechados, ou novas partes de uma mesma cidade, pois essa cidade se encontra na memória de cada um. O autor também discorre sobre as cidades pequenas, as cidades menores. Para ele, nesses locais a vida é regida pelas tradições e estas estão diretamente ligadas à reprodução material da cidade, onde os habitantes enfrentam o seu dia a dia serenos (HALBWACHS, 2006, p. 136).

O Manguebeat foi um movimento cultural surgido na periferia da Metrópole de Recife no início dos anos 1990. O contexto internacional era o início do processo de globalização, principalmente se tratando dos meios de comunicação. Em relação ao Brasil, o neoliberalismo entrava no país, a partir do governo de Fernando Collor de Melo. Esses jovens pernambucanos agiam em duas frentes: a primeira buscava uma revitalização da cultura regional, como o frevo, o maracatu e a literatura de cordel, tentando mesclar esses elementos com os ritmos internacionais, como o rock. A outra frente buscava explicitar os problemas sociais enfrentados pelos moradores da periferia, dando sempre uma nova interpretação da cidade de Recife. O movimento teve diversos ramos, dentre teatro, dança, literatura e manifestos; porém foi a produção fonográfica que obteve maior amplitude. O principal nome do Manguebeat foi o vocalista e

compositor da Banda Nação Zumbi, o olindense Chico Science. Este foi o principal porta voz do movimento.

Ao se tratar do movimento Manguebeat, também é perceptível a questão territorial. As lutas sociais, tão presentes nos bairros periféricos das grandes cidades, estão contidas nas letras de Chico Science. Uma das letras que demonstra essas lutas sociais e a busca de novos territórios é “Cidadão do Mundo”:

Eu corri saí no tombo/Se não ia me lascá/Segui a beira do rio/Vim pará na capitá /Quando ví numa parede um pinico anunciá/É liquidação total/O falante anunciou/Ih! Tô liquidado/pivete pensou/Conheceu uns amiginhos e com eles se mandou/Aí meu velho/abotoa o paletó/não deixe o queixo cair e segura o rojão/Vinha cinco maloqueiro/Em cima do caminhão/Pararam lá na Igreja conheceram uns irmão /Pediram um pão pra comê com um copo de café/ Um ficou roubando a missa/E quatro deram no pé/Chila, Relê, Domilindró !!!! (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1996).

Nesse trecho, Chico Science narra a vinda de sertanejos para Recife, onde estes buscam seu novo território e em uma tentativa de sobrevivência cometem um roubo. A ideia de busca de novos territórios, por uma necessidade social ou motivada pela desigualdade, está presente na interpretação de Haesbaert (2004, p. 17) sobre a multiterritorialidade:

A combinação de “tempos espaciais” incorporada à multiterritorialidade – podendo existir assim, de certa forma, uma multiterritorialidade também no sentido das múltiplas territorialidades acumuladas desigualmente ao longo do tempo.

Tratando da questão da identidade de um povo, segundo as interpretações contemporâneas, ela também pode ser múltipla. A identidade está ligada ao processo de construção da memória coletiva, tendo como referências as chamadas “pedras das cidades”, que seriam construções contidas no cenário urbano e que marcam a vida das pessoas, como nos diz Halbwachs (2006, p. 138):

É preciso antes de tudo considerar que os habitantes são levados a prestar uma atenção muito desigual àquilo que chamamos o aspecto material da cidade, ainda que a maioria, sem dúvida, seria bem mais sensível ao desaparecimento de tal rua, de tal edifício, de tal casa do que aos acontecimentos nacionais, religiosos, políticos mais graves. É por isso que o efeito da agitação, que abala a sociedade sem alterar a fisionomia da cidade, atenua-se quando passamos àquelas categorias do povo que se apegam mais às pedras do que aos homens.

O território que aparece nas letras de Chico Science é um território mais simbólico do que real. Esse território é disputado por pessoas de classes sociais mais vulneráveis, que convivem em meio à sujeira e os descuidos das autoridades responsáveis. As marcas, ou pedras, da cidade são retratadas na música “Rios, Pontes e

Overdrives”, onde Science narra a vida das pessoas nos bairros periféricos de Recife, representados pelo mangue, um lugar onde a sujeira é representada pela lama, que formam “esculturas”. Outro ponto a ser destacado é a narrativa das casas, que são chamadas de mocambos, fazendo referência à sua precariedade. Esses mocambos são habitados por molambos, que seriam as pessoas pobres malvestidas.

Já na música “Maracatu de Tiro Certo”, são apresentados homens que quase chegam a um conflito armado por uma disputa territorial. Em “Manguetown”, Science mostra a sujeira dos mangues e a figura do urubu, que marca a existência de aproveitadores, pessoas que aplicam golpes de todo tipo. Posteriormente, o autor trabalha o território idealizado, onde as pessoas da periferia pretendem estar:

Esta noite sairei/Vou beber com meus amigos há/E com asas que os urubus me deram ao dia/Eu voarei por toda a periferia/Vou sonhando com a mulher/Que talvez eu possa encontrar/E ela também vai andar/Na lama do meu quintal/Manguetown” (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1996).

Em seu artigo intitulado “O território em tempos de globalização”, publicado em 2007 pela Revista ETC (Espaço, Tempo e Crítica), Rogério Haesbaert promove uma discussão sobre a conceituação de espaço, lugar e território após o fim da Guerra Fria e o início da ampliação do processo de Globalização. Primeiro realiza uma discussão sobre o conceito de Globalização e suas implicações. Define que o termo é muito utilizado por diversos segmentos do conhecimento, porém surgiu no jornalismo econômico para definir as novas relações comerciais entre as diversas regiões do globo. O termo se espalhou com uma velocidade impressionante, talvez até mais rápido do que os processos das relações de trabalho, a propagação dos novos meios de comunicação e uma possível universalização cultural. Em relação ao aspecto cultural, pensando em certa homogeneização, esta traria uma perda das identidades locais, onde os locais perderiam gradualmente suas características regionais.

Outro ponto que deve ser apontado é a contradição em relação às classes sociais, ocorrendo o processo de homogeneização das elites. Aqueles poucos que controlam os principais pontos da economia e do capital mundial e ao mesmo tempo o planeta assiste ao aumento da miséria e da exclusão social. É nesta ideia que se baseiam os pensadores que defendem que o mundo atual vive um processo de fragmentação, seja por uma crescente exclusão social ou por um movimento de resistência aos atores da globalização. A principal consequência desse processo de exclusão, como aponta Haesbaert, é o surgimento de “novas velhas” territorialidades, ou seja, o ressurgimento de antigas disputas territoriais que agora aparecem com novas estratégias de resistência, podendo

ser das formas mais pacíficas, como movimentos poéticos, ou de formas radicais, como a de grupos terroristas.

Ao se tratar da conceituação de território, o autor enfatiza que não se pode confundir o conceito com a materialidade de um espaço socialmente construído. Segundo o geógrafo brasileiro, território sempre envolve apropriação e dominação de um espaço socialmente partilhado. Haesbaert (2004, p. 4) define três pressupostos sobre a conceituação de território e sua diferenciação com o conceito de espaço: no primeiro, o autor enfatiza que os termos “território” e “espaço” não significam exatamente a mesma coisa, sendo o primeiro termo muito mais amplo; no segundo ele considera que o território é construído historicamente, com denotações sociais, envolvendo disputas de poder, seja esse concreto ou simbólico, abrangendo espaço e sociedade, este espaço podendo ser visto como natural; e no terceiro diz que por ações que envolvem política e economia, os agentes que disputam o território de forma subjetiva transformam essa disputa em objetiva, por meio de dominação, identidade territorial ou apropriação.

O território é comumente dividido em diversas áreas, com barreiras físicas ou simbólicas. Haesbaert diz que a divisão em áreas é típica de sociedades mais antigas, as ditas tradicionais, enquanto as sociedades mais modernas utilizam a geometria e as zonas para tal divisão. Partindo desse pressuposto, o autor trabalha a ideia de que atualmente a divisão do território é mais objetiva do que nas sociedades tradicionais, onde essa divisão era mais subjetiva. Completa afirmando que espaços absolutamente simbólicos ou puramente funcionais são impossíveis de serem concebidos. Nas sociedades mais tradicionais, o território era entendido como um espaço de controle e apropriação das divindades, onde os mitos possuíam a função de explicar os fenômenos naturais não compreendidos. Já nas sociedades modernas, o território deve possuir uma função, explicitando aí seu caráter utilitarista. A exclusão nas sociedades tradicionais se dava por meio da apropriação do Estado pelas classes sociais privilegiadas, muitas vezes estas classes entendiam poderem se comunicar diretamente com os deuses, e sob esta elite o território era integrado. Nas sociedades do capitalismo moderno, a propriedade privada é o principal fator de fragmentação, na qual o capitalismo se reproduz e a mundialização da cultura transforma gradualmente as culturas tradicionais (HAESBAERT, 2004, p. 6).

Ao se tratar da conceituação de território, no sentido mais amplo, após a diferenciação entre território e lugar, Haesbaert parte de mais três pressupostos: no primeiro o conceito de território pode se confundir algumas vezes com os conceitos de lugar e rede, mesmo o primeiro sendo mais complexo; já no segundo, o conceito de rede

pode ter dois significados: o primeiro como um elemento que constitui o território e o segundo como uma forma de organização dentro do território; por fim, no terceiro o lugar é uma das formas de manifestação do território, onde os sentidos mais subjetivos podem aparecer, dando espaço e origem para diversos movimentos de contestação; (HAESBAERT, 2004, p.6)

O que foi exposto pelo professor brasileiro abre margem para novas interpretações em relação ao território. Existem no mundo dito globalizado novas formas de disputa e apropriação territorial, em comparação com as formas das sociedades antigas. As formas de manter o domínio sobre um espaço social podem ser de cunho cultural, econômico, afetivo e político, entre outros. Suas manifestações podem variar desde as maneiras mais pacíficas até as mais violentas. A contradição é tanta, que é observável o aumento do fluxo do capital financeiro pelo planeta, enquanto aumentam os movimentos de fragmentação territorial, observado nos problemas recentes de imigração em zonas de conflito.

A respeito dessas análises, Haesbaert (2007, p. 6) é incisivo ao definir que:

Existe, assim, uma imensa gama de territórios sobre a superfície do globo terrestre e a cada qual corresponde uma igualmente vasta diversidade de territorialidades, com dimensões e conteúdo específicos. As conotações que a territorialidade adquire são distintas dependendo da escala, se enfocada ao nível local, cotidiano, ao nível regional ou ao nível nacional e supranacional. Igualmente, existem diversas concepções de território de acordo com sua maior ou menor permeabilidade: temos, desta forma, desde territórios mais simples, exclusivos /excludentes, até territórios totalmente híbridos, que admitem a existência concomitante de várias territorialidades. Embora em vários períodos da história apareçam territorialidades múltiplas, sobrepostas (vide os múltiplos domínios territoriais medievais), elas são uma marca indiscutível do mundo globalizado / fragmentado.

Para uma abordagem mais didática, Haesbaert (2007) conceitua o território em três vertentes básicas:

a) jurídico-política: esta vertente é a majoritária no campo da Geografia. Possui como concepções correlatas a ideia de Estado-nação e suas fronteiras são os próprios limites administrativos. Conceitualmente o território é definido como um espaço controlado e definido pelas esferas estatais de poder. Os principais atores são o Estado-nação e as organizações políticas. Allières e seu trabalho de 1980 contribuíram bastante para a área da Geopolítica;

b) culturalista: esta vertente tem como concepções correlatas o lugar e o cotidiano, a identidade e a alteridade social e o imaginário, este último entendido como o conjunto de representações que um grupo vê a si mesmo. A visão de território passa

por um produto fundamentalmente de apropriação do espaço, seja ela por identidade social ou do imaginário. Seus principais agentes são os próprios indivíduos ou grupos étnico-culturais, onde seus vetores são as relações de identificação cultural. É considerada uma vertente da Geografia Humanística ou Cultural e segundo Haesbaert, os principais autores contemporâneos são Deleuze, Guattari e Tuan;

c) econômica: esta vertente também é chamada de economicista. Suas concepções correlatas são a divisão territorial do trabalho e as classes sociais se relacionando com os meios de produção. Entende a territorialização como um produto espacial do embate entre as classes e entre as classes e o capital. Seus principais agentes são as empresas capitalistas, os trabalhadores e até mesmo o Estado. Os mais recentes trabalhos da área da chamada Geografia Econômica são Storper, Benko e Veltz;

Haesbaert prossegue defendendo que as territorialidades contemporâneas são mais complexas que as formuladas nas sociedades tradicionais. As territorialidades muitas vezes são as mesmas e o que se modificou foi a forma como elas se manifestam. Muitos desses povos que contestam ou lutam por um território estão enquadrados forçadamente na identidade forjada de um Estado-nação, este criado muitas vezes por interesses políticos e econômicos. Grupos de contestação territorial estão redefinindo os padrões geográficos, nos quais os limites físicos e simbólicos estão sendo redesenhados.

O processo de globalização trouxe mudanças estruturais para a conceituação de territorialidade. Haesbaert traz cinco novas características:

1. o capitalismo globalizado forma uma elite que detém a maior parcela dos recursos do planeta e conseqüentemente exclui uma grande parcela da população. Esta parcela excluída da população busca se reafirmar no território e isso às vezes é feito de maneira radical;

2. o local está se sobrepondo ao regional e ao nacional. Isso pode demonstrar um movimento de resistência cultural ou de fortalecimento comercial;

3. Robertson (1995) analisou os processos sintetizados nos processos de globalização e Appadurai (1997) propôs o conceito de translocalidades;

4. são chamados de movimentos contra-globalizadores aqueles que tornam mais ríspido o sentimento regional e atacam a ordem política e cultural das imposições do Estado-nação;

5. as ONG's e entidades supranacionais, como os blocos econômicos, são novas instituições de regulação do território;

Por fim, ao analisar as diferentes concepções de território no mundo globalizado, o autor define algumas novas funções para esse território. Aqui segue uma, que tem mais familiaridade com o objeto estudado: Num sentido mais simbólico, o território pode moldar identidades culturais e ser moldado por estas, que fazem dele um referencial muito importante para a coesão dos grupos sociais (HAESBAERT, 2007, p. 8.) Seguindo a linha da análise de Haesbaert, o Movimento Manguebeat molda e é moldado pelo seu território contestado, que são os mangues da periferia central de Recife. Portanto, esse movimento pode ser entendido como uma forma pacífica de contestação territorial do mundo dito globalizado, a partir das novas formas de resistência.

Visitando o mangue: a representação dos marginalizados em Chico Science

Este item tem por finalidade discutir as representações do espaço urbano a partir de obras artísticas: Serão analisados os mangues das periferias de Recife, presentes nos discos de Chico Science e Nação Zumbi. As tipologias das personagens, que representam as populações marginais, servirão de base para análise. É possível retratar os grupos sociais marginalizados através de obras artísticas e personagens fictícios? O presente artigo tem por finalidade trabalhar a representação das tipologias sociais presentes no mangue de Chico Science e buscar entender como esses personagens fictícios podem auxiliar na compreensão da memória coletiva.

Os críticos dessas narrativas ficcionais podem argumentar que elas não têm validade, pois não trabalham com personagens reais e históricos e que seriam na verdade “estórias”. Solange Yokozawa (2009, p. 200) já afirmou que a diferenciação entre história e estória já não é mais usual. Segundo a autora, a história é apenas uma interpretação do passado, sendo elaborada de forma ficcional e relativa, onde o termo estória pode perfeitamente demonstrar fatos verossímeis de um passado presente na memória de quem escreve.

Chico Science trabalha com personagens típicos de sua cidade. A região retratada foi um importante centro comercial em séculos passados, devido ao protagonismo econômico dos produtos de sua região. A Recife de Chico foi a cidade protagonista da época açucareira colonial, do século XVII. Recebeu importantes intervenções urbanísticas, como aterros, drenagens de mangues, pontes e edifícios, principalmente durante a administração holandesa de Maurício de Nassau. Já na década de 1990, a capital pernambucana era uma cidade grande, com diversos problemas urbanos. A

favelização, a violência urbana e a segregação espacial atingiam seu ápice e a cidade recebia o título de quarta pior cidade do mundo, segundo o Instituto de Washington apontou em 1991.

Narrativas dessa magnitude, poemas ou letras musicadas, possuem uma significância expressiva para a compreensão das sociedades periféricas das cidades. Geralmente, essas populações não estão presentes nas narrativas e na memória oficial e são ofuscadas pelas histórias dos grandes líderes e dos administradores públicos. Segundo Clóvis Carvalho Britto (2013, p. 114), ao analisar a obra de outra escritora, Cora Coralina, afirma que a mesma contorna muito bem suas obras, que é constituída pelos “silêncios da história”, onde a própria autora é integrante desse “silêncio”, pois a história das mulheres passava despercebida na historiografia goiana. A obra de Chico Science também possui essa função, pois o autor retrata uma Recife esquecida pelas autoridades e pela memória oficial, na qual o mangue é o cenário predominante.

Em relação aos tipos característicos da região, o autor passeia em sua cidade como um verdadeiro *flanêur*, relatando personagens do cenário urbano que simbolizam a vida de muitos moradores. Chico Science retrata muitos deles. Em suas letras aparecem os Cavaleiros representando a polícia, o Caranguejo com Cérebro representando os habitantes do mangue e sua interação com a globalização, o chie (pequeno caranguejo) representando os meninos de rua, o aratu (um outro tipo de caranguejo) representando os pobres que são passados para trás, o gabiru (um tipo de rato) representando os mendigos que vivem na sujeira, o Mateus representando os homens da zona rural e os bandidos representados pelos personagens reais Galego do Coque e Bil do Olho Verde. Chico busca reinterpretar a cidade de Recife por meio de seu lado mítico, sempre em movimento, movimento este que vem das origens históricas, dos contos populares e chegam até a Recife de sua época. A memória coletiva das zonas periféricas aparece em forma de protesto, questionando o território e a ocupação do espaço. As expressões de Science em cima do palco vão muito além de suas letras. O artista se vestia com trajes típicos do maracatu, de camelô, com um estilo muito colorido, dando voz para a cultura popular da periferia recifense.

O processo de Globalização, que já recebeu atenção no item anterior, chega à Recife com intensidade no fim do segundo milênio. Recife se mostra como uma cidade conectada ao novo processo técnico-científico-informacional, sendo um local muito visitado por turistas brasileiros e de todo o planeta, com uma economia interligada ao cenário nacional e internacional. Esse processo de aceleração das comunicações e

informações e dos avanços científicos é retratado e explorado nas letras do artista pernambucano, ora como contestação, ora como constatação. Na letra de “Enquanto o Mundo Explode” Chico realiza algumas críticas ao sistema globalizado. A começar pelo próprio título da canção, que remete a um mundo em turbulência, com a explosão de novos acontecimentos, novidades tecnológicas, maior agilidade de comunicação e informação. A letra da música diz:

A engenharia cai sobre as pedras /Um curupira já tem o seu tênis importado/Não conseguimos acompanhar o motor da história/Mas somos batizados pelo batuque/E apreciamos a agricultura celeste/Mas enquanto o mundo explode/Nós dormimos no silêncio do bairro/Fechando os olhos e mordendo os lábios/Sinto vontade de fazer muita coisa... (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1996).

Diversos pontos dessa canção devem ser analisados para compreender a concepção de Science em relação ao contexto internacional da década de 1990. No primeiro verso o autor diz que “A engenharia cai sobre as pedras”, fazendo referência direta sobre as transformações que estavam ocorrendo na cidade durante o período. A engenharia deve ser encarada como a modernidade, enquanto as pedras seriam as marcas tradicionais da cidade, aquelas marcam que remetem à memória coletiva. Portanto, Science está criticando essas novas obras que mudam o cenário tradicional (real ou simbólico) da capital pernambucana.

Posteriormente, Science realiza uma crítica em relação à penetração da cultura globalizada na cultura tradicional brasileira. Ele utiliza um curupira (ser importante do folclore brasileiro, propagado em diversas regiões do país, representado por um índio das matas brasileiras, que possui os pés invertidos: dedos para trás e calcanhar para frente), que já possui um tênis importado. A crítica de Science nesse momento é em relação a apropriação cultural que estaria ocorrendo pelos brasileiros, principalmente em relação aos padrões de consumo estabelecidos pela lógica de mercado. O atraso da economia local e as péssimas condições sociais da cidade também aparecem no trecho. Quando diz que “Não conseguimos acompanhar o motor da história”, Science faz clara referência ao status de “país em desenvolvimento” que o Brasil recebia, ainda aquém das grandes economias mundiais.

É sempre bom lembrar que no período de produção da música o Brasil estava passando por uma reestruturação econômica, com a continuidade do Plano Real e o incremento da política neoliberal, no governo de Fernando Henrique Cardoso. Particularmente se tratando de Recife, a cidade acabara de receber o indesejável título de “Quarta pior cidade do mundo para se viver”, como já foi retratado anteriormente.

No trecho que diz “apreciamos a agricultura celeste” o autor deixa a entender que a população de Recife observa as novidades do mundo globalizado como “algo de outro mundo”, algo que está muito distante da realidade dessa sociedade, onde apenas causa espanto e admiração por algo que é surreal. Interpretação com o mesmo sentido se dá nos versos seguintes, “Mas enquanto o mundo explode/Nós dormimos no silêncio do bairro/Fechando os olhos e mordendo os lábios”, mostrando como os recifenses pobres enxergam tudo muito distante de sua realidade. A vontade de agir do vocalista, de se expressar e de se manifestar, estando em contato mais próximo com o “motor da história” é observável no último verso, onde diz que “Sinto vontade de fazer muita coisa...”. Na versão musicada, Science termina a música com um berro, dando sinal de sua revolta. Ainda se tratando de globalização, Chico Science interpõe a produção musical com a nova tecnologia computacional, na música “Computadores Fazem Arte”:

Computadores fazem arte/Artistas fazem dinheiro/êô/Dinheiro
 Computadores avançam/Artistas pegam carona/Cientistas criam robô
 Artistas levam a fama/Computadores fazem arte êê êê/
 Artistas fazem dinheiro ôô ôô /Dinheiro (CHICO SCIENCE & NAÇÃO
 ZUMBI, 1994).

Nesse trecho, Science enaltece o valor e o poder das novas tecnologias quando elogia o poder de “fazer arte” dos computadores. É uma clara referência ao alcance que suas músicas tiveram a partir das novas formas de propagação da indústria cultural. O artista pernambucano demonstra que o cenário musical dos anos 1990 é dependente do novo cenário técnico-científico-informacional para obter o sucesso, em âmbito regional, nacional ou internacional.

A música de Chico Science em que a questão territorial está mais presente é sem dúvida “A Cidade”. A introdução do clipe da canção apresenta um casal de artistas circenses encenando dois pernambucanos tipicamente interioranos chegando à capital Recife. Ambos parecem estar perplexos e assustados com o que estão vendo. A música tem a seguinte letra:

O Sol nasce e ilumina as pedras evoluídas/ Que cresceram com a força de
 pedreiros suicidas/ Cavaleiros circulam vigiando as pessoas/ Não importa se
 são ruins/ Nem importa se são boas/ E a cidade se apresenta centro das
 ambições/Para mendigos ou ricos e outras armações/ Coletivos, automóveis,
 motos e metrôs/ Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs/ A cidade não
 para, a cidade só cresce/ O de cima sobe e o debaixo desce/ A cidade se
 encontra prostituída/ Por aqueles que a usaram em busca de saída/ Ilusora
 de pessoas e outros lugares/ A cidade e sua fama vai além dos mares/ No meio
 da esperteza internacional/ A cidade até que não está tão mal/ E a situação
 sempre mais ou menos/ Sempre uns com mais e outros com menos/ A cidade
 não para, a cidade só cresce/ O de cima sobe e o debaixo desce/ Eu vou fazer
 uma embolada, um samba, um maracatu/ Tudo bem envenenado, bom pra

mim e bom pra tu/ Pra gente sair da lama e enfrentar os urubus / Num dia de Sol, Recife acordou/ Com a mesma fedentina do dia anterior (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1994).

A música “A Cidade” tem muito a acrescentar no entendimento do que é território para o Movimento Manguebeat. No início, o compositor diz “O Sol nasce e ilumina as pedras evoluídas/ Que cresceram com a força de pedreiros suicidas”, onde as pedras evoluídas devem ser entendidas como as construções que compõem a cidade de Recife, que segundo Science foram construídas por “pedreiros suicidas”. Esse termo é uma alusão às péssimas condições de trabalho a que eram submetidos os trabalhadores da construção civil na segunda metade do século XX. Muitos desses trabalhadores eram retirantes do interior que buscavam melhores condições de vida na capital. A segurança pública também está presente na canção. Science diz “Cavaleiros circulam vigiando as pessoas/ Não importa se são ruins/ Nem importa se são boas”. Esses “Cavaleiros” são a representação dos policiais que rondam o centro da capital pernambucana e as regiões periféricas da cidade. Uma crítica em relação à violência policial aparece quando Chico dá a entender que inocentes também eram perseguidos.

O êxodo rural, problema enfrentado pelas grandes cidades brasileiras no pós-Segunda Guerra Mundial também aparece na letra. Muitas pessoas que passam por dificuldades econômicas e sociais no interior dos estados brasileiros migram para as grandes cidades, por uma maior atração de mercado de trabalho, por mais opções e qualidade de consumo, consumo este que pode ser material e imaterial (cinemas, educação, eventos esportivos, shows e outros), por melhores salários e mais facilidade de acesso aos serviços públicos. Porém, a realidade encontrada foi outra. Muitas dessas pessoas caíram no subemprego, sem qualquer garantia de um salário fixo. Foram obrigadas a ocupar regiões periféricas, sem acesso eficiente ao saneamento básico mínimo, estando vulneráveis à doenças, criminalidade e prostituição. Isso fica evidente no trecho “E a cidade se apresenta centro das ambições/Para mendigos ou ricos e outras armações”.

A agitação de uma metrópole como Recife é ritmada pela letra da canção. No trecho “Coletivos, automóveis, motos e metrô/ Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs/ A cidade não para, a cidade só cresce/ O de cima sobe e o de baixo desce”, Science tenta dar voz a toda movimentação que acontece no centro de Recife, com o transporte coletivo superlotado e a ação policial em torno dos vendedores ambulantes. Em alusão a uma crítica marxista, Science critica a dinâmica do Capitalismo Internacional, ao mencionar que o de cima (as elites) sobe (continuam a acumular mais

capital) e o de baixo (classes com menos recursos) desce (tem uma piora nas suas condições socioeconômicas). Partindo desse pressuposto, Science também critica o aumento da concentração de renda, típico do Capitalismo em sua fase neoliberal.

Já no trecho “A cidade se encontra prostituída/ Por aqueles que a usaram em busca de saída/ Ilusora de pessoas e outros lugares/ A cidade e sua fama vai além dos mares/ No meio da esperteza internacional/ A cidade até que não está tão mal/ E a situação sempre mais ou menos/ Sempre uns com mais e outros com menos/”, Science realiza uma crítica a cidade como produto. Dentro da nova ótica globalizante do Capitalismo neoliberal pós-Guerra Fria, as cidades também se transformaram em mercadoria e disputam espaço no mercado mundial. Essa disputa pode ser por novas instalações industriais, novas opções de serviço ou puramente por turismo. Segundo a avaliação de Science, Recife se encontrava em boa situação nessa ótica de mercado, pois recebia muitos investimentos turísticos. Porém, essa cidade mercantilizada não é para todos. Os locais que abrigam os turistas possuem urbanização extremamente superior à das áreas periféricas, que tomam voz com as letras de Science.

Por fim, Science diz que as condições ainda permanecem, pois “Num dia de Sol, Recife acordou/ Com a mesma fedentina do dia anterior”. A fedentina representa as péssimas condições habitacionais que a periferia da capital pernambucana é submetida. A falta de saneamento, transporte, educação e saúde também fazem parte da pauta do autor.

Considerações finais

Ao analisar o conceito de território, pode-se perceber que o termo é utilizado há muito tempo pelo homem, desde a Antiguidade, e por isso não existe apenas uma conceituação. O território pode ser encarado como um lugar, ou espaço, onde as pessoas exercem ou tentam exercer uma relação de poder. Esse território também pode ser simbólico ou real, dependendo da abordagem que é feita. Algumas marcas são deixadas no território e as pessoas que circulam por ele tem essas construções como referencial, pois estão presentes no seu dia a dia e criam com essas pedras uma relação de afetividade.

Já os discos analisados da banda Chico Science e Nação Zumbi apresentam um território mais simbólico do que real. Esse território apresenta muitas marcas, como a lama, o mangue e os urubus, que representam os símbolos comuns desse local e que possuem a função de demonstrar como é a vida nesses bairros periféricos.

Como bem definiu Haesbaert (2007), o novo mundo globalizado, trouxe à tona velhas disputas territoriais, que em um outro contexto podem assumir novas maneiras de expressão. Na região do Oriente Médio essas disputas territoriais originaram movimentos de ações terroristas, que se expandem na velocidade das novas formas de comunicação. Uma outra forma de contestação territorial é a manifestação artística. Grafites, exposições, companhias de dança e movimentos musicais podem aparecer como novidades. O Movimento Manguebeat aparece nesse momento. Os jovens recifenses da década de 1990 que habitavam as regiões periféricas se sentiam fora do contexto internacional, fora da globalização vendida pelos veículos de comunicação e informação, fora da realidade dita como “mundial”.

O Movimento deve ser analisado como um grito, uma maneira de expressão destes jovens, a fim de buscarem o reconhecimento da sua realidade. O território escolhido foi o mangue, tão típico da periferia da capital pernambucana, símbolo das desigualdades sociais, do abandono do poder público, da sujeira ocasionada pela falta de saneamento básico, da pobreza e da criminalidade causadas pela falta de oportunidade e emprego. O mangue foi sim o território contestado por esses jovens.

Dentre as diversas bandas e artistas que participaram do Movimento Manguebeat, o grupo formado por Chico Science e Nação Zumbi teve maior destaque. Uma das mostras é a vendagem de discos e aparições na TV que a banda teve. A banda foi a única com alcance nacional. Os dois discos que Chico Science gravou antes de sua trágica morte em um acidente de carro, em 1997, sendo eles “Da Lama ao Caos” e “Afrociberdelia” são os mais significativos do movimento e os que melhor retratam as concepções destes jovens.

Analisando a obra de Chico Science, fica clara a função dos espaços para a reconstrução da memória a partir da visão dos excluídos. Britto (2013) define que os becos na obra de Cora Coralina devem ser definidos como uma região moral, com um código moral divergente. Segundo o autor, esses locais aparecem nos poemas como o local dos indivíduos “desviantes”, marginais e com uma identidade definida por seus papéis desempenhados na sociedade.

O mangue de Chico Science possui a mesma representatividade que os becos em Cora Coralina. O ambiente é de sujeira, dos mocambos (casebres com péssimas condições), do lixo e dos animais (urubus), dos mendigos, dos meninos de rua, dos roceiros que tentam a vida nas cidades, dos jovens que buscam seu espaço no mundo

globalizado e dos bandidos. Todos esses que são invisíveis perante as autoridades, à opinião pública e à memória oficial.

A representação desses espaços é um ponto chave para o entendimento dessas classes da sociedade, pois mesmo que os personagens relatados sejam fictícios, as narrativas são extremamente verossímeis, retratando a realidade vivida por essas pessoas, mesmo que de uma maneira poética e irreverente.

TERRITORY IN TIMES OF GLOBALIZATION: THE VISION OF CHICO SCIENCE AND ZUMBI NATION

Abstract: What is the territory presented in the work of Chico Science and Nação Zumbi? What is the Recife portrayed by those artists? The aim of this article is to discuss the territory concepts from the point of view of authors such as Milton Santos, Henri Lefebvre, Maurício Halbwachs, Rogério Haesbaert and Ciro Flamarion Cardoso, making a parallel with the territory presented by Chico Science and Nação Zumbi in their first two CDs. The discussion on how the territory is portrayed by the band and its theoretical representations are highlighted in this article. Inter-relations among the concepts presented by the authors will help the understanding of the subject.

Keywords: Territory. Mangubeat. Chico Science. Globalization.

Referências

BRITTO, Clovis Carvalho. A estética dos becos em Cora Coralina ou “ um modo diferente de contar velhas histórias” Est. Lit.bras.contemp., 42, p.113-127, 2013.

CARDOSO, Ciro F. Repensando a construção do espaço. In: Revista de História Regional. Ponta Grossa, v.3, n.1, p. 7-23, verão 1998.

CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. Da lama ao caos. Rio de Janeiro: Chaos; Sony Music, 1994. CD.

_____. Afrociberdelia. Rio de Janeiro; São Paulo: Chaos; Sony Music, 1996. CD.

HAESBAERT, R. 2004a. Da desterritorialização à multiterritorialidade. Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR. Vol. 3. Rio de Janeiro: ANPUR.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Éster. O território em tempos de globalização. Revista ETC / Espaço, Tempo e Crítica, vo. 1, nº2, 2007

HALBWACHS, M. A memória coletiva. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LEFEBVRE, Henri. A Produção do Espaço. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

SANTOS, M. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. A Natureza do Espaço. São Paulo: EDUSP, 1996

_____. Por uma Outra Globalização. RJ/SP: Record, 2000

YOKOZAWA, Solange. F. C. Confissões de Aninha e Memória dos Becos In: BRITTO, Clovis Carvalho; CURADO, Maria Eugênia; VELLASCO, Marlene (org.) Moinho do Tempo: estudos sobre Cora Coralina. Goiânia: Kelps, 2009.

SOBRE OS AUTORES

Felipe Oliveira Martins é mestrando em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP).

Maria Aparecida Papali é doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); docente da Universidade do Vale do Paraíba.

Recebido em 29/05/2017

Aceito em 21/11/2017